# Estimulação do comportamento verbal de criança não-falante: um estudo de caso*

SONIA SANTA VITALIANO GRAMINHA**
CLEIDE DE TOLEDO GUTSCHOW
SUELI SIMON DE MORAES

1. Introdução; 2. Método; 3. Avaliação do repertório verbal da criança antes e durante a aplicação do programa de estimulação verbal; 4. Considerações finais.

Uma criança do sexo masculino, de 6 anos e 11 meses de idade, proveniente de família de baixo nível sócio-econômico-cultural, encaminhada para atendimento clínico com queixas diversas dentre as quais a de ausência quase total de fala, foi submetida, como parte do esquema geral de intervenção terapêutica proposto, a um programa de atividades visando a estimulação do seu comportamento verbal. O objetivo do presente trabalho é relatar esse programa de treino verbal que envolveu diversas pessoas do ambiente da criança, diferentes locais de treino e o uso de procedimentos operantes, tais como modelagem, modelação, dicas verbais, esvanecimento e reforçamento diferencial. Dados do comportamento verbal da criança evidenciaram que, ao longo do tratamento, a percentagem de ocorrência de silêncio tendeu a diminuir assim como a de fala incompreensível. Ao mesmo tempo, a fala compreensível tendeu a aumentar em termos de quantidade, qualidade e variabilidade.

## 1. Introdução

Num trabalho de revisão das pesquisas operantes relacionadas ao ensino da linguagem a crianças "não-verbais", os seguintes estágios são relatados como os correspondentes a uma seqüência tópica de treinamento geralmente usada para

* Trabalho apresentado à XII Reunião Anual de Psicologia promovida pela Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 1982. (Apresentado à Redação em 14.8.83.)
** Do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. (Endereço da autora: Avenida Bandeirantes, s/n.º — 14.100 — Ribeirão Preto, SP.)

desenvolver as habilidades necessárias para uma linguagem funcional: atenção, imitação não-verbal, imitação verbal e linguagem funcional (Harris, 1975).

Esse último é considerado como o estágio mais importante do desenvolvimento da fala (Garcia, 1974; Harris, 1975; Hester & Hendrickson, 1977). Na verdade, Garcia (1974) destaca duas grandes fases de treinamento da fala expressiva: uma primeira visando o estabelecimento do comportamento verbal imitativo e uma segunda, o estabelecimento da linguagem funcional. Enfatiza que a fala imitativa em si tem valor limitado e pode chegar a um nível patológico, conforme observado em crianças ecolálicas. A fase de estabelecimento da linguagem funcional, que procura estender o controle do comportamento verbal vocal para objetos, pessoas e eventos do ambiente, é considerada por ele como o ponto principal de treinamento. Observação semelhante é feita por Harris (1975) ao salientar que esta fase é a que transforma o que foi anteriormente treinado numa habilidade útil; com valor de comunicação; a fala imitativa em si não tem esse valor. Hester e Hendrickson (1977) consideram que qualquer procedimento de treinamento do comportamento verbal deve ter como propósito principal o desenvolvimento de uma linguagem que seja sempre funcional para a criança dentro do seu ambiente natural.

Harris (1975) salienta ainda que uma vez que a linguagem tenha sido bem estabelecida na situação de treino, o próximo passo é a extensão da fala funcional tanto para outras pessoas além do terapeuta, quanto para outras situações além da sala de terapia. Este nível de generalização é também enfatizado por Garcia (1974) ao considerar que, embora o estabelecimento da fala seja um objetivo terapêutico importante, deve existir um objetivo concomitante que é o do uso da fala em outros contextos além daquele em que foi originalmente treinada. No seu trabalho, após as crianças terem sido treinadas numa seqüência de conversação, foram avaliadas quanto à generalização a outras pessoas e situações. Os dados indicam a importância do uso de mais de uma pessoa para conduzir o treinamento com vistas à generalização. Isso é ilustrado também pelo trabalho de Sanok e Striefel realizado com crianças com problema de mutismo eletivo. Por outro lado, a pesquisa de Handleman (1979) sugere que o treinamento do comportamento verbal em locais variados pode ser um fator que facilita a generalização para outras situações.

Trabalhos indicam que procedimentos de modelagem, esvanecimento, modelação, dicas e reforçamento diferencial têm sido usados para o treinamento das habilidades verbais (Clark & Dameron, 1978; Fleece, Gross, O'Brien, Kistner, Rothblum & Drabman, 1981; Garcia, 1974; Risley & Wolf, 1967). Indicam também que o material comumente utilizado como estímulo nos programas de treinamento da linguagem inclui figuras especialmente montadas em cartões ou retiradas de livros e revistas (Barton, 1970; Garcia, 1974; Martin, 1975; Risley & Wolf, 1967; Wheeler & Sulzer, 1970). Num trabalho recente Welch e Pear (1980) procuraram comparar diversas modalidades de estímulos de treinamento e determinar a que melhor facilitaria a generalização da resposta verbal adquirida na situação de treino para objetos reais do ambiente natural. Os resultados obtidos levaram os autores a recomendarem o uso, sempre que possível, de objetos reais como material de estímulo nos programas de treino da linguagem.

Estudos como os anteriormente citados serviram de base para a elaboração de um programa de treinamento verbal de uma criança não-falante. Esse programa foi planejado visando, desde o início, o estabelecimento de uma fala

funcional e a sua extensão a diversas pessoas e situações, além do terapeuta e de uma sala específica de treinamento. O presente trabalho tem por objetivo descrever o programa de treino proposto e apresentar dados do comportamento verbal da criança no decorrer de cinco meses de atendimento.

## 2. Método

### 2.1 *Caracterização do caso*

Uma criança do sexo masculino, com 6 anos e 11 meses de idade, proveniente de família de baixo nível sócio-econômico-cultural, foi encaminhada para atendimento psicológico junto ao Centro de Psicologia Aplicada do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP/USP, com queixas diversas tais como: agressividade, desobediência, retraimento e ausência quase total de fala.

Além do aspecto verbal, que será objeto específico de apresentação do presente trabalho, foi feito um levantamento amplo de dados a respeito do caso através de entrevistas com os pais e professora da criança, sessões realizadas com a criança no Laboratório de Observação, com a utilização de provas padronizadas e material lúdico e psicopedagógico, observações da criança em sala de aula e pátio da escola, além do encaminhamento do caso para exame neurológico. O desempenho da criança se mostrou prejudicado em várias áreas: social, afetiva, cognitiva, motora, cuidados pessoais.

Dadas as características gerais do caso, foi elaborado um esquema amplo de intervenção visando o desenvolvimento da criança nas diversas áreas em que o comportamento verbal foi apenas um dos aspectos abordados.

Dados específicos sobre o comportamento verbal da criança foram obtidos numa primeira etapa, cujo objetivo era caracterizar o seu repertório verbal antes da introdução de qualquer programa de intervenção, através de:

- relatos da mãe em sessões de entrevista realizadas no Laboratório de Observação do Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo;
- relatos da professora em sessões de entrevista feitas nas dependências da escola freqüentada pela criança;
- registros feitos pela mãe, dia a dia, durante uma semana consecutiva, das palavras faladas pela criança da mesma forma como eram pronunciadas e seus respectivos significados;
- registros de observações do comportamento da criança feitos por um dos autores do trabalho, em quatro sessões de atividades predominantemente livres, com material lúdico, realizadas no Laboratório de Observação. Um pequeno período dessas sessões — cerca de 10 minutos — foi usado para avaliação do desempenho verbal da criança diante de tarefas que exigiam a repetição de sílabas e palavras;
- transcrição de fitas de duas sessões gravadas, realizadas no Laboratório de Observação, com material lúdico e psicopedagógico proposto em forma de jogo com o objetivo de avaliar conceitos e habilidades básicas da criança.

Os dados obtidos nesta etapa mostraram que o repertório verbal da criança, no início do atendimento, se caracterizava por:

a) baixa freqüência de emissões verbais predominando o silêncio;

b) emissões verbais incompreensíveis;

c) emissões verbais a um nível silábico. A criança, por exemplo, falava *bo* (para bolo), *le* (para leite), *co* (para copo);

d) emissão de um número muito limitado de palavras, a maioria de forma incompleta e incorreta. Segundo relato da mãe na entrevista inicial as únicas palavras faladas pela criança eram: pai, mamãe, anga (para água), pepe (para café), lião (para Eliana). Do registro feito pela mãe durante uma semana constou uma lista de 21 palavras, por exemplo: atu (para açúcar), indel (para caderno), vavalin (para cavalinho). Dados da transcrição das duas sessões iniciais evidenciaram a ocorrência de 4 e 5 palavras, respectivamente na primeira e segunda sessões;

e) repetições incorretas da maioria das sílabas propostas como modelo. De uma lista de 97 sílabas, a criança foi capaz de repetir corretamente apenas 38%;

f) dificuldade de repetição de palavras compostas por mais de uma sílaba, ocorrendo:

— dificuldade de repetir como um todo a palavra seqüenciando os sons, por exemplo, a criança era capaz de emitir a sílaba *bo*, a sílaba *la*, mas não a palavra *bola*;

— repetições incorretas e incompletas;

g) ausência quase total de emissões verbais tipo frase, tanto em situação de fala dirigida quanto não-dirigida. As únicas frases emitidas pela criança nas duas sessões iniciais gravadas foram: *não* em situação de fala dirigida e *ati ó* (aqui ó) em situação de fala não-dirigida.

Também foi observado que a criança, quando tentava se comunicar, o fazia por gestos, e quando não era entendida e/ou atendida, apresentava comportamentos como: gritar, bater as mãos, bater e chutar coisas e pessoas, puxar e empurrar pessoas. Quando eram dadas certas ordens verbais à criança, mesmo que simples, principalmente na situação de casa e escola, ela muitas vezes não as atendia, o que levou algumas pessoas do seu ambiente a considerá-la como portadora de deficiência auditiva, acarretando maiores prejuízos na estimulação do seu repertório verbal.

## 2.2 *Programa de estimulação verbal*

Visando favorecer o desenvolvimento do repertório verbal da criança foi elaborado um programa de treinamento que foi colocado em execução após a criança ter sido treinada na aquisição de um repertório de comportamentos básicos — atenção, imitação, seguimento de instrução — considerados pré-requisitos para se levar a efeito o treino verbal.

O material usado como estímulo durante o treino verbal constou de: a) cartões contendo figuras que foram escolhidas por representarem objetos cujos nomes continham no máximo três sílabas simples; b) livros de estória contendo

cenas simples com figuras coloridas, representando pessoas, animais e objetos; c) material lúdico e psicopedagógico; d) objetos e eventos reais.

O treinamento das habilidades verbais foi realizado através do uso combinado dos procedimentos de modelagem, modelação, reforçamento diferencial, esvanecimento e dicas verbais.

Uma característica do programa de treino foi a de ter envolvido diversas pessoas em interação com a criança e usado diferentes locais de treino, com vistas à generalização do comportamento verbal para outras pessoas e situações, além do terapeuta e de uma sala específica de atendimento.

O programa abrangeu a realização de: a) sessões individuais de atendimento com a criança; b) passeios curtos com a criança; c) orientação e treinamento das pessoas do ambiente natural da criança.

### 2.2.1 Sessões individuais de atendimento

As sessões de atendimento foram realizadas no Laboratório de Observação da Faculdade, e, posteriormente, numa sala da própria escola freqüentada pela criança, em média uma vez por semana, com duração de 60 a 90 minutos cada, num período de tempo de cinco meses.

Cada sessão se subdividiu em três partes.

Na primeira parte da sessão, que durou cerca de 15 minutos, um treino verbal específico foi feito com a utilização de cartões contendo figuras e o treinamento foi levado a efeito por fases:

- *Fase 1 — identificação de figuras*

O objetivo desta fase foi levar a criança a ser capaz de identificar a figura, nomeada pelo terapeuta, diante de duas ou mais figuras.

Foram usados 19 cartões com figuras, cujos nomes continham uma ou duas sílabas simples. Inicialmente o terapeuta apresentava para a criança e nomeava, uma a uma, as 19 figuras, por duas vezes consecutivas. Em seguida, duas destas figuras eram colocadas sobre a mesa e a criança deveria identificar (apontando) aquela nomeada pelo terapeuta. Sucessivamente o número de figuras colocadas sobre a mesa ia aumentando até se chegar a uma apresentação simultânea das 19 figuras e a criança ia sendo solicitada a identificar aquela figura nomeada pelo terapeuta. Cada resposta correta da criança era seguida de reforço social.

Esta fase durou uma única sessão, dado a criança ter se mostrado capaz de identificar corretamente cada uma das 19 figuras.

- *Fase 2 — nomeação de figuras*

Esta fase teve por objetivo levar a criança a ser capaz de nomear figuras.

Serviu como material os mesmos 19 cartões usados na fase anterior.

Numa etapa inicial — de imitação verbal — o terapeuta, sentado de frente para a criança, apresentava e nomeava, uma a uma, as 19 figuras, colocando-as bem próximas de sua boca e pronunciando as palavras com movimentos exage-

rados da boca, e a criança era solicitada a repetir. Portanto diante de cada figura era dado um modelo verbal de nomeação que a criança deveria imitar. Por exemplo, o terapeuta mostrava a figura de uma bola, falava "bola" e dizia à criança "diga bola".

Numa etapa posterior — de nomeação sem a presença do modelo verbal — o terapeuta simplesmente apresentava, uma a uma, as figuras e a criança era solicitada a nomeá-las. A forma de fazer essa solicitação era variada, ocorrendo questões do tipo: "O que é isso?", "E isso?", "Qual o nome dessa figura?", "Como se chama isso?" etc.

No início do treino qualquer verbalização emitida pela criança na tentativa de responder à solicitação do terapeuta — seja a de repetir a palavra, seja a de nomear figura — era reforçada socialmente, em seguida o terapeuta dizia o nome da figura e passava para o cartão seguinte. Apenas se a criança não emitisse qualquer verbalização, o terapeuta nomeava novamente a figura e pedia para a criança repetir. Após três tentativas passava-se para o próximo cartão.

Dadas as características do caso, considerou-se importante num primeiro momento que a criança verbalizasse, não importando ainda se de forma correta; gradativamente foi se exigindo verbalizações cada vez mais semelhantes ao nome das figuras.

Esta fase durou 10 sessões e quando a criança foi capaz de nomear de forma compreensiva as 19 figuras, mesmo que ainda com alguns defeitos de pronúncia, passou-se para a fase 3.

- *Fase 3 — nomeação e qualificação de figuras*

Com o objetivo de estender a resposta verbal da criança de uma para duas palavras, nesta terceira fase foi associado um adjetivo ao nome de cada uma das 19 figuras (as mesmas das fases 1 e 2), envolvendo conceitos já trabalhados com a criança.

O procedimento de treino foi semelhante ao descrito na fase 2 com a diferença de que agora, diante de cada figura apresentada, era dado um modelo verbal composto por duas palavras — nome e adjetivo — que a criança deveria imitar. Por exemplo: "gato peludo", "dado azul".

Além disso, com o objetivo de ampliar o repertório da criança de nomeação, 11 novas figuras, com nomes compostos por duas ou três sílabas, foram introduzidas com a aplicação de um procedimento de treino semelhante ao da fase anterior.

Esta fase se encontra em andamento, e pretende-se dar continuidade a esse treino verbal específico procurando, gradativamente, tanto estender a resposta verbal da criança para 3, 4, 5 palavras com a formação de frases cada vez maiores, quanto ampliar o seu repertório de nomeação de figuras.

Na segunda parte da sessão, que durou também cerca de 15 minutos, um treino verbal, agora menos específico, foi feito com a utilização de livros de estória — diferentes a cada sessão — contendo cenas simples com figuras de pessoas, animais e objetos coloridos.

O livro era folheado junto com a criança, ao mesmo tempo em que o terapeuta ia nomeando e descrevendo as figuras e as ações contidas em cada cena e solicitando que a criança verbalizasse. Essas solicitações tomavam diferentes

formas, por exemplo: "Que bicho é esse?, Onde está?, O que está fazendo?, Como ele é?" Dicas verbais da resposta correta eram dadas inicialmente pelo terapeuta e gradativamente iam sendo retiradas à medida que a criança ia se mostrando capaz de responder adequadamente às solicitações feitas. O reforço social foi usado, no início, para qualquer tentativa de verbalização da criança, posteriormente para verbalizações cada vez mais próximas da correta.

Na última parte da sessão, com duração de 30 a 60 minutos, foram realizadas atividades lúdicas e/ou atividades que visavam o treinamento da criança em habilidades e conceitos básicos. Paralelamente a essas atividades manteve-se a estimulação verbal com o mesmo tipo de procedimento já descrito, sendo que as verbalizações agora referiam-se ao material lúdico e psicopedagógico presentes a cada sessão.

### 2.2.2 Passeios com a criança

Breves passeios, com duração de 20 a 30 minutos cada um, foram feitos pelo terapeuta com a criança, logo após o término das sessões de atendimento em locais variados da faculdade (bar, área externa, laboratório) e da própria escola freqüentada pela criança (cantina, pátio, refeitório, quadra esportiva).

Durante esses passeios manteve-se a estimulação verbal da criança utilizando como material-estímulo as próprias pessoas, animais, objetos e eventos reais presentes na situação.

### 2.2.3 Orientação e treinamento de pessoas do ambiente da criança

Diversas pessoas do ambiente natural da criança — familiar e escolar — receberam orientação e/ou treinamento de como interagir com a criança de forma a favorecer o desenvolvimento do seu repertório verbal. Essa orientação foi feita seja através de entrevistas em que instruções específicas foram dadas com base nos procedimentos de treino verbal utilizados pelo terapeuta, seja através de observações diretas da própria atuação do terapeuta com a criança.

O esquema de orientação e treinamento procurou atingir pessoas que mantinham contato mais sistemático com a criança: pais, três professoras que estiveram durante o ano responsáveis pela classe, serventes da escola e três alunos do Curso de Psicologia e estagiários na escola.

## 3. Avaliação do repertório verbal da criança antes e durante a aplicação do programa de estimulação verbal

Com a finalidade de verificar possíveis mudanças no repertório verbal da criança foram comparados os dados obtidos, ao longo de cinco meses de atendimento, em nove sessões gravadas das 17 realizadas até o momento com a criança: duas sessões da etapa inicial — anterior à introdução do programa de estimulação verbal — e sete sessões da etapa de aplicação do programa.

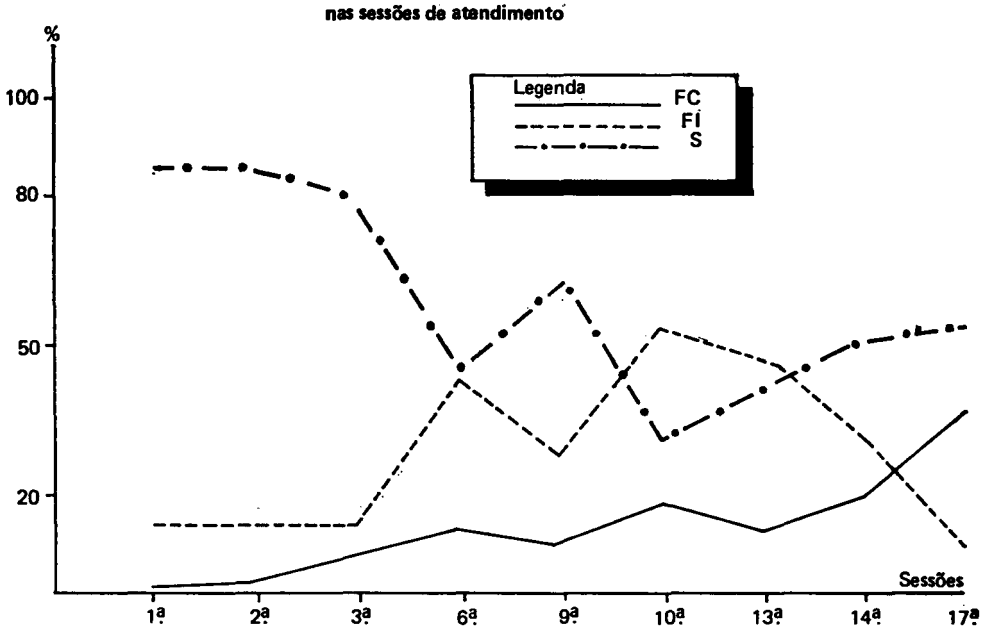
Essas nove sessões gravadas corresponderam à 1.ª, 2.ª, 3.ª, 6.ª, 9.ª, 10.ª, 13.ª, 14.ª e 17.ª sessões realizadas com a criança. As fitas foram transcritas nos seus

40 minutos iniciais tendo sido feito um primeiro tipo de transcrição que implicou o registro, a cada intervalo de tempo de cinco segundos, da ocorrência de fala compreensível (*FC*), incompreensível (*FI*) e silêncio (*S*), por parte da criança. Considerou-se como fala compreensível qualquer emissão vocal claramente audível e que incluísse um conteúdo inteligível mesmo que pronunciada de forma incompleta e incorreta; como fala incompreensível foram consideradas as emissões vocais ininteligíveis e como silêncio a ausência de emissões vocais.

Na figura 1 são apresentadas as percentagens de ocorrência de intervalos de *FC*, *FI* e *S*, durante cada sessão.

**Figura 1**

**Percentagem de fala compreensível (FC), incompreensível (FI) e silêncio (S), nas sessões de atendimento**




Pode-se observar que nas duas sessões anteriores à introdução do programa estimulação verbal, a percentagem de ocorrência de *S*, *FC* e *FI* é estável sendo a de *S* a mais alta (86% e 85%) seguida pela de *FI* (13%) e por último pela de *FC* (1% e 2%). Na 3.ª sessão de atendimento, ou seja, na sessão em que se iniciou a estimulação verbal, a percentagem de *FI* permanece inalterada em relação às duas sessões anteriores, enquanto que há uma ligeira diminuição na percentagem de *S* ao mesmo tempo em que aumenta a de *FC*. No decorrer das sessões, a *FC* tendeu a aumentar gradativamente alcançando 36% na última sessão. No entanto, a *FI* que também tende a aumentar chegando a um ponto máximo na 10.ª sessão (52%), começa a partir daí a decrescer chegando a 10% na última sessão. Ocorre, portanto, nessa última sessão relatada, uma inversão entre *FC* e *FI* (*FC* ultrapassando *FI*).

Com o objetivo de verificar como a *FC* foi se caracterizando no decorrer do atendimento, efetuou-se a transcrição das fitas de oito sessões gravadas, nos seus 40 minutos iniciais, registrando integralmente as verbalizações emitidas

pela criança. Em seguida foram selecionadas as verbalizações que se caracterizavam como *FC*, que foram, então, avaliadas em função de três aspectos: quantidade, variabilidade e qualidade.

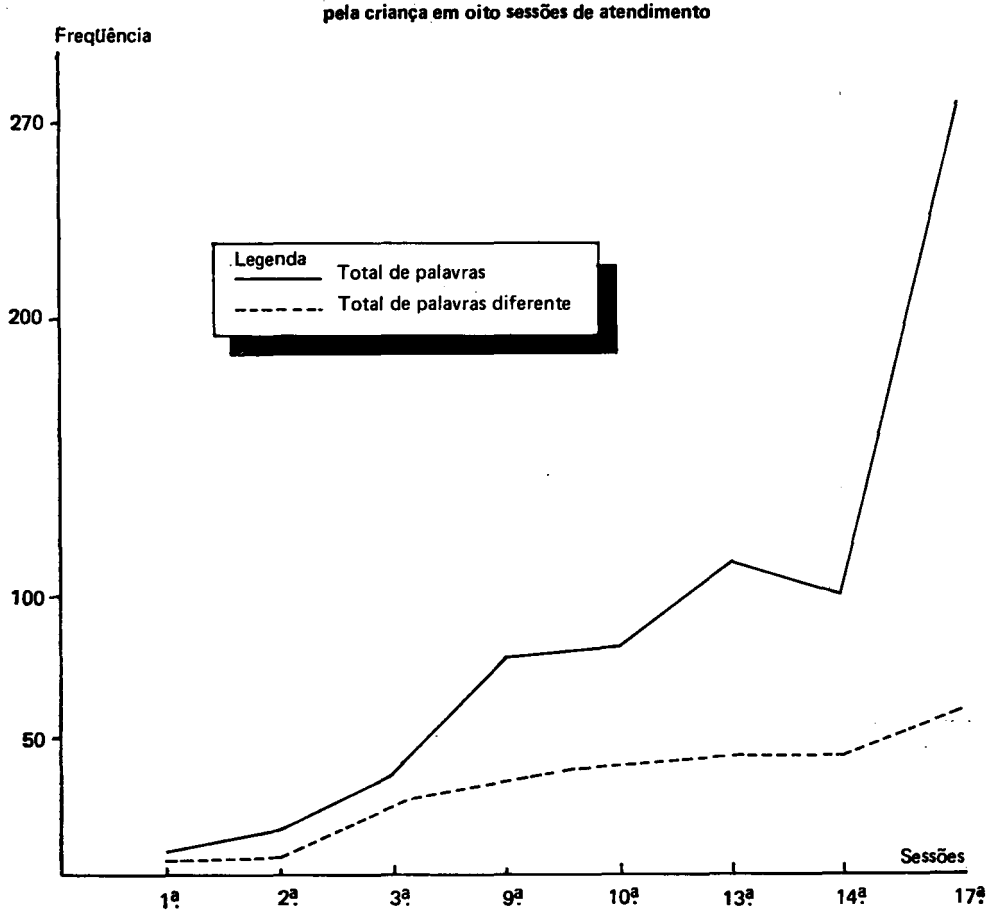
- Quantidade: avaliada pela contagem total de palavras faladas pela criança.
- Variabilidade: avaliada pela contagem do número de palavras diferentes faladas.
- Qualidade: avaliada pela contagem de palavras faladas em cada uma das seguintes categorias:

— palavras completas e corretas;
— palavras incompletas;
— palavras com troca de letras;
— palavras totalmente incorretas.

Os dados referentes a quantidade e variabilidade de fala compreensível da criança, para cada sessão, aparecem na figura 2.

**Figura 2**

**Quantidade e variabilidade de palavras faladas pela criança em oito sessões de atendimento**



O que se observa é que tanto a quantidade quanto a variabilidade de palavras faladas pela criança vai aumentando no decorrer das sessões (a quantidade indo de sete palavras para 270 e a variabilidade de quatro para 57, da primeira para a 17.ª sessão), sendo que a variabilidade aumenta de forma bem gradual, e não na mesma proporção em que aumenta a quantidade.

Quanto à qualidade da fala, podemos observar pela tabela 1 que no início (três primeiras sessões) as palavras faladas são poucas e se concentram mais na categoria incompleta. Nas sessões posteriores a quantidade de palavras vai au-

Tabela 1

Freqüência e percentagem de palavras faladas de forma: a) completa e correta; b) incompleta; c) com troca de letras; d) totalmente incorretas, em cada sessão

| Ordem da sessão no atendimento | | Palavras completas e corretas | | Palavras incompletas | | Palavras com troca de letras | | Palavras totalmente incorretas | | Total de palavras |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | Freq. | % | Freq. |
| Anterior ao treino | 1.ª | 0 | 0 | 4 | 57 | 0 | 0 | 3 | 43 | 7 |
| | 2.ª | 3 | 20 | 12 | 80 | 0 | 0 | 0 | 0 | 15 |
| | 3.ª | 11 | 31 | 21 | 60 | 2 | 6 | 1 | 3 | 35 |
| | 9.ª | 50 | 65 | 13 | 17 | 11 | 14 | 3 | 4 | 77 |
| | 10.ª | 41 | 51 | 22 | 27 | 10 | 12 | 8 | 10 | 81 |
| | 13.ª | 45 | 41 | 47 | 43 | 7 | 6 | 11 | 10 | 110 |
| | 14.ª | 45 | 45 | 36 | 36 | 12 | 12 | 7 | 7 | 100 |
| | 17.ª | 153 | 56 | 78 | 30 | 17 | 6 | 22 | 8 | 270 |

mentando e as percentagens mais altas passam a ser da categoria completa e correta; portanto, a criança que inicialmente emitia um número pequeno de palavras, sendo a maioria de forma incompleta, passou a falar um número cada vez maior de palavras, a maioria de forma completa e correta.

Palavras com troca de letras, que não apareceram nas duas sessões iniciais, passaram a ocorrer nas sessões posteriores, mas sempre numa percentagem relativamente baixa. Palavras totalmente incorretas, cuja percentagem foi alta (47%) na primeira sessão, continuaram ocorrendo da terceira sessão em diante mas também numa percentagem baixa.

De modo geral pode-se observar que das primeiras para as últimas sessões houve uma tendência em aumentar a quantidade, a variabilidade e a qualidade de fala da criança.

Além desses dados advindos das sessões de atendimento da criança, gravadas e transcritas, realizadas num período de cinco meses de atendimento, con-

sierou-se importante, neste trabalho, apresentar alguns outros dados obtidos recentemente (seis meses após a última sessão relatada) através de relatos da mãe, do terapeuta, da professora e de outras pessoas em contato com a criança, os quais indicaram os resultados a seguir.

1. A criança, que inicialmente tentava se comunicar basicamente através de gestos, passou a fazê-lo verbalmente, sendo o gesto atualmente ainda usado pela criança, mas na maioria das vezes acompanhado de verbalizações. Por exemplo, é comum a criança puxar o terapeuta pela mão e dizer "vamo bar", acenar a mão ao sair da sessão e dizer "tiau"; puxar o terapeuta em direção ao armário de brinquedos e dizer "dá bola".
2. Não apenas nas sessões de atendimento, mas também em casa e na escola, a criança passou a falar cada vez mais com as pessoas do seu ambiente (embora nem sempre de forma claramente compreensível e num volume de voz adequado) e também algumas pessoas do ambiente, que antes não procuravam conversar com a criança, passaram a fazê-lo, com exceção do pai que apesar das orientações dadas parece ter grande dificuldade em se comunicar verbalmente com o filho.
3. Mesmo frente a novas situações que requerem respostas verbais da criança, ela muitas vezes as apresenta. Por exemplo, diante da solicitação feita pelo funcionário da cantina "o que você quer hoje?" a criança diz "bombom" ou "hoje você quer bala, né?" e a criança responde "não, bombom".
4. As verbalizações da criança, que no início do atendimento ocorriam quase que apenas em respostas a estimulação dada, passaram a ocorrer espontaneamente, isto é, partindo da própria criança. Mesmo essa fala espontânea evoluiu, no decorrer do atendimento, tanto indo de uma fala incompreensível diante de figuras e objetos para uma fala compreensível de nomeação correta do material, quanto indo de frases simples e curtas ("ati ô") para frases mais extensas ("tia, olha aqui ô"; "olha aqui nenê"; "dá bombom"). Diálogos curtos entre terapeutas e criança passaram a ocorrer, onde a criança é estimulada não apenas a responder a certas perguntas, mas também a fazer outras.
5. A criança tem dificuldade de pronunciar corretamente palavras compostas por determinadas sílabas simples (por exemplo, sílabas formadas com as letras *s, r, f, c*) e por sílabas complexas; também tem dificuldade de pronunciar como um todo palavras formadas por mais de duas sílabas, principalmente quando se trata de palavras novas ainda não treinadas.

## 4. Considerações finais

A ampliação do repertório verbal dessa criança com ausência quase total de fala foi sendo observada no decorrer da aplicação do programa de estimulação verbal. Antes de a criança ser submetida ao programa de treino, seu repertório verbal consistia de poucas palavras usadas apenas no ambiente de casa, sendo o significado de quase todas elas apenas compreendido pelos pais e pela irmã da criança. Fora de casa, o menino permanecia quase todo o tempo em silêncio e as raras verbalizações emitidas eram a um nível silábico. Conseqüentemente, a comunicação verbal e a interação social da criança com as pessoas do seu ambiente estavam extremamente prejudicadas.

O programa de treino proposto no seu todo parece ter contribuído para que o repertório verbal dessa criança se ampliasse em direção a uma fala funcional, com valor de comunicação, e estendida para outras situações e pessoas além da sala específica de treino e do terapeuta.

É provável que diversas características do programa tenham sido relevantes para se chegar aos resultados apresentados a seguir.

1. O material usado como estímulo foi muito variado, envolvendo desde figuras especialmente montadas ou representadas em livros e revistas até objetos e eventos reais do ambiente natural da criança. O uso desta última modalidade de estímulo de treinamento vem bem de encontro com a recomendação feita por Welch e Pear (1980) a partir de seu trabalho de treino de linguagem com crianças retardadas.
2. Uma combinação de diversos procedimentos operantes — modelagem, modelação, esvanecimento, dicas, reforçamento diferencial — foi usada para o treinamento das habilidades verbais da criança.
3. O programa procurou envolver diversas pessoas que mantinham um contato sistemático com a criança e que foram orientadas a interagir com ela de uma forma adequada, no sentido de estimular o seu comportamento verbal. Assim, tentou-se contar com a participação dos pais, professores, colegas de classe, serventes da escola, estagiários do curso de psicologia e psicólogos atuantes, naquele momento, na escola.
4. Também os locais para realização do treino verbal foram variados.

É importante colocar que, apesar do progresso verificado, considera-se que o repertório verbal dessa criança não está ainda num nível que lhe permita se comunicar verbalmente com as pessoas do seu ambiente, sem maiores problemas e dificuldades. Seu repertório de palavras é ainda reduzido; suas verbalizações, muitas vezes, ficam a um nível de nomeação; sua fala espontânea diante de novos estímulos (figuras, objetos, cenas, eventos) aparece, com freqüência, de forma ainda pouco compreensível; a criança tem dificuldade de expressar verbalmente algumas de suas necessidades, desejos e mesmo alguns conceitos já adquiridos; além disso, apresenta dificuldades específicas de articulação de certas sílabas e certas palavras no seu todo e um volume de voz, na maioria das vezes, baixo.

O treinamento das suas habilidades verbais continua em andamento com uma programação que vai sendo planejada com base no seu desempenho no decorrer do treino.

Finalmente, o encaminhamento do caso para um fonoaudiólogo e a possível perspectiva de um trabalho conjunto com esse profissional está sendo uma conduta considerada adequada, na fase atual de atendimento desta criança.

**Abstract**

The objective of the present work is to describe a verbal training program that was applied to nonverbal child. The child was a 6-year-and-11 months old boy, from a low cultural socioeconomical level family. He came to our service with several complaints, among which a near complete lack of speech and was

submitted to an extensive program of ativities, some of which designed to stimulate his verbal behavior. These verbal training program involved operant procedures — differential reinforcement, saping, modeling, fading and prompting —, orientation of several persons belonging to child's natural environment and the use of different training places. The child's verbal behavior showed, in the course of treatment, a tendency to decrease the amount of time spent in silence and the frequency of incomprehensible speech. At the same time, understandable speech increased in quantity, quality and variability.

## Referências bibliográficas


Barton, E. S. Inappropriate speech in a severely retarded child: a case study in language conditioning and generalization. *Journal of Applied Behavior Analysis,* 3(4):229-307, 1970.

Clark. H. B. & Dameron, W. Using generalized imitation to expand verbal imitative repertoires in nonspeaking retarded children. *Behavior Therapy,* 9(5):966, 1978.

Fleece, L.; Gross, A.; O'Brien, T.; Kistner, J.; Rothblum, E. & Drabman, R. Elevation of voice volume in young developmentally delayed children via an operant shaping procedure. *Journal of Applied Behavior Analysis, 14*(3):351-5, 1981.

Garcia, E. The training and generalization of a conversational speech form in nonverbal retardates. *Journal of Applied Behavior Analysis,* 7(1):137-49, 1974.

Handleman, J. S. Generalization by autistic-type children of verbal responses across settings. *Journal of Applied Behavior Analysis, 12*(2):273-82, 1979.

Harris, S. L. Teaching language to nonverbal children-with emphasis on problems of generalization. *Psychological Bulletin, 82*(4):565-80, 1975.

Hester, P. & Handrickson, J. Training functional expressive language: the acquisition and generalization of five-element sytactic responses. *Journal of Applied Behavior Analysis, 10*(2):316, 1977.

Martin, J. A. Generalizing the use of descriptive adjetives through modelling. *Journal of Applied Behavior Analysis, 8*(2):203-9, 1975.

Risley, T. & Wolf, M. Establishing functional speech in echolalic children. *Behavior Res. & Therapy,* 5:73-88, 1967.

Sanok, R. L. & Striefel, S. Elective mutism: generalization of verbal responding across people and settins. *Behavior Therapy, 10*:357-71, 1979.

Welch, S. & Pear, J. J. Generalization of naming responses to objects in the natural environment as a function of training stimulus modality with retardet children. *Journal of Applied Behavior Analysis, 13*(4):629-43, 1980.

Wheeler, A. J. & Sulzer, B. Operant training and generalization of a verbal response form in a speech-deficient child. *Journal of Applied Behavior Analysis,* 3(2):139-47, 1970.